

## Índice

O beco sem saída do indivíduo desencarnado.....	1
---	---

### O beco sem saída do indivíduo desencarnado

Nascemos indefesos, passamos por etapas de doença ou fragilidade, talvez venhamos a morrer com perda de capacidades. Esta experiência humana, ligada à nossa corporalidade, é posta de lado pela mentalidade do individualismo expressivo, que nos leva a becos sem saída.

O primeiro abraço que recebia em cinco meses. A [fotografia vencedora](#) do World Press Photo 2021 revela o momento em que Rosa Lucia Lunardi, de 85 anos, entra em contacto físico com Adriana Silva da Costa Souza, a sua cuidadora, em São Paulo, a 5 de agosto de 2020, através de uma cortina de plástico. Desde março que as residências não admitiam visitantes.

O tacto – ou a ausência de tacto – esteve muito presente na memória de milhões de pessoas confinadas pela pandemia da Covid-19. O ouvir, provavelmente [o último sentido que se perde antes de morrer](#), supriu o tacto no acompanhamento dos momentos finais de vida de muitas pessoas hospitalizadas, cujos familiares não podiam visitá-las a não ser através de uma ligação telefónica. “Não os vi desde...” repetiu-se de forma dolorosa, apesar da possibilidade de encontros através de ecrãs. E para alguns que sofreram a doença, perder o olfato e o gosto foi recordar que estes sentidos não existem somente para receções de apreciadores de comida. A distorsão dos sentidos durante a pandemia fez-nos recordar de modo abrupto que somos seres corporais.

A primeira fotografia de “Habibi”, a [reportagem vencedora](#) da World Press Photo Story of the Year, sublinha precisamente como a corporalidade faz parte da identidade. Mostra um fato pendurado e uns sapatos debaixo do fato, como se se tratasse do homem invisível. A mulher de Nael al-Barghouthi, o prisio-

neiro palestiano que está há mais tempo na prisão, mantém a sua presença assim, com a roupa pronta.

### O esquecimento da corporalidade

Em [“What It Means to Be Human”](#), O. Carter Snead, professor de Direito na University of Notre Dame, coloca o foco em como o que experimentamos todos os dias enquanto seres corpóreos deixou de ser um quadro de sentido partilhado no momento de compreender, avaliar e decidir o que é próprio de um ser humano. Embora a sua especialidade seja a bioética no âmbito público, e o livro analise a evolução legal nos Estados Unidos sobre o aborto, a fecundação assistida e o final da vida, a sua análise lança luz sobre uma chave de interpretação relacionada com muitos temas atuais

A nossa chegada ao mundo – se não houver uma intervenção técnica específica – realiza-se sempre com o útero materno. O *Homo sapiens* é um mamífero placentário. Mas nasce com uma dependência peculiar. É conhecida como altricialidade a característica das espécies cujas crias nascem dependentes e exigem um tempo de maturação, em sentido oposto à precocidade, a característica das espécies cujas crias nascem com autonomia. Os patos podem movimentar-se na água poucas horas após o nascimento, tal como os potros podem acompanhar as suas mães, enquanto que os gatos nascem com os olhos e canais auditivos fechados e sem atividade motora, e continuam assim durante dias. No caso de um bebé, demorará quase um ano a dizer as suas primeiras palavras, ainda mais a caminhar, e só muito mais tarde poderá ser independente dos seus progenitores.

Snead quer recordar-nos que nascemos, vivemos e morremos dependentes, consequência da corporalidade que define a nossa identidade e o nosso desenvolvimento. E mostra o paradoxo de que a legislação que abarca aqueles aspetos em que a corporalidade é mais visível, muitas vezes aplica princípios que esquecem precisamente esta realidade fundamental. Dita normas sobre os momentos em que entram em jogo “vulnerabilidade humana, dependência, fragilidade e finitude”: por exemplo – enumera o autor –, “procriação, gravidez, bebés, doenças debilitantes, lesões devastadoras, participantes desesperados em ensaios clínicos, doentes assustados, deficientes, idosos, moribundos e mortos”. As leis e sentenças decidem sobre “temas íntimos e essenciais como o significado da paternidade e da maternidade, as obrigações para com os filhos e os nossos idosos, as necessidades dos doentes e deficientes, a nossa liberdade, o nosso desenvolvimento pessoal, a nossa conceção de nós mesmos, assim como os limites da comunidade jurídica e moral”. Mas fá-lo de tal modo que o corpo próprio e o alheio se convertem em obstáculos a ter de superar.

### Individualismo expressivo

No seu livro, Snead examina a visão de académicos como Robert Bellah, [Charles Taylor](#), Roderick Long, [Michael Sandel](#) ou Alasdair MacIntyre para descrever a corrente do “individualismo expressivo”. A conceção antropológica que se manifesta na ideia da identidade humana e o que a faz desenvolver-se foi desencarnando, foi esquecendo a sua corporalidade intrínseca, até modificar a premissa sobre a qual passaram a ser tomadas as decisões legais. O que emergiu é a combinação de um individualismo que dá primazia à vontade e ao conhecimento, à autonomia, e se desliga de relações provenientes da corporalidade e das obrigações geradas por essas relações, e um “expressivismo” (as aspas são suas) que defende o direito de configurar e escolher a própria vida a partir dos sentimentos, das intuições e das preferências que cada um percebe no interior de si.

Nascemos dependentes, vivemos dependentes uma grande parte da nossa vida (de certeza nos nossos anos iniciais e com probabilidade nos nossos anos finais), adoecemos, sofremos limitações. Mas esta parte da natureza humana não se percebe, no quadro do individualismo expressivo, como aquilo que somos, mas como impedimentos que nos impedem ser. Os autores citados usam expressões como “individualismo atomizado” ou “eu sem entraves” para descrever esta atitude. Não existe uma finalidade ou um sentido que provenham da natureza humana. Nas palavras de Snead, “é uma antropologia do eu que escolhe, um eu independente, livre e solitário”.

Nesta visão, “a unidade fundamental da realidade humana é a pessoa individual, considerada como separada e diferente do modo em que está ou não inserida num emaranhado de relações sociais”, explica Snead. Se somente nos definem o que

pensamos e o que queremos, “o corpo é tratado como um instrumento contingente para ir em busca dos projetos que emergem do conhecimento e da escolha”. Mas, além disso, o desenvolvimento pessoal somente é possível na medida em que o indivíduo possa “criar livremente e buscar os projetos singulares e os planos de futuro que reflitam os seus valores íntimos e o modo como se compreende a si próprio. Estes projetos e propósitos nascem desde dentro da pessoa, sem que a natureza, aquilo que recebemos ou as características específicas da nossa espécie que se manifestam no nosso corpo ditem os limites desta realização individual”.

### Paradoxos

Vimos nos últimos anos como este individualismo que esquece o corpo foi tomando conta de diversos âmbitos, transformando percepções e linguagem. O fenómeno *single*, por exemplo: agora, ser “solteiro” não quer dizer que a pessoa não se casou. Quer dizer que não reconhece relações de compromisso com ninguém, mesmo se esteja – ainda – casado legalmente, ou tenha filhos de relações anteriores. Interessa a percepção de si mesmo, mais do que a marca da realidade corpórea.

Outro exemplo: alguns *youtubers*, personalidades da maquilhagem, que a entendem como exercício desse individualismo expressivo, perante o caso da cantora Rihanna, que lançou a sua linha de beleza, [Fenty Beauty](#), com uma coleção de 40 bases de maquilhagem que pela primeira vez na história da cosmética cobriram todos os tons de pele, desde os albinos aos mais escuros. A Fenty triunfou precisamente porque as utentes se viam conhecidas e compreendidas neste aspeto da sua identidade corporal.

Igualmente – é um tema mais complexo, mas serve também como exemplo deste deslizamento –, quando antigamente uma adolescente não se reconhecia no seu corpo e caía na anorexia ou nas lesões infringidas a si própria, havia uma preocupação partilhada por família, médico e meio envolvente para recuperar corpo e mente; agora, se este não reconhecimento corporal do adolescente é reivindicado no âmbito da sexualidade e do género, o corpo é manipulado até transformá-lo naquilo que o próprio desejo reclama, ou inclusivamente mantém-se igual e exige do outro o reconhecimento do corpo que não é, e o valor da opinião de família, médicos ou meio vai depender do grau de adesão à própria vontade de se autodefinir.

Outra consequência deste quadro é que uma mesma pessoa pode defender ao mesmo tempo ou assincronicamente opiniões contrárias. Pode reivindicar o direito ao aborto por vários motivos (todos contrapondo a corporalidade da mãe e a do filho) e simultaneamente reclamar o parto natural, o papel das doulas ou da amamentação materna (onde os laços naturais mãe-filho se reforçam na sua corporalidade), porque depende do desejo da mulher exclusivamente.

O mesmo paradoxo aconteceu em Espanha: no momento em que o impacto da Covid-19 tornou dramaticamente mais visível a fragilidade e vulnerabilidade dos idosos e dos doentes terminais e gerou mais compaixão, empatia e indignação, foi aprovada [a lei que regula a eutanásia](#).

O nascimento da bioética nos Estados Unidos também é fruto de um paradoxo que já anunciava esta clivagem sobre a visão do corpo. No capítulo em que aborda estas origens, Snead mostra que as situações impulsionadoras de legisladores, administração pública e juízes irem intervir, foram justificadas por um fim útil, partindo da supremacia intelectual e da vontade de domínio dos cientistas e ocultando a exploração dos corpos de outros, desumanizados. A investigação médica considerou útil, por exemplo, inocular o vírus da hepatite a crianças deficientes intelectualmente, estudar a sífilis em cidadãos afro-americanos de zonas deprimidas sem lhes dar informação nem tratamento, ou abrir a caixa torácica para observar o coração de seres recém-abortados mas ainda vivos.

## As dívidas não escolhidas

Mas a realidade do ser humano é teimosa e corpórea. Como salienta Snead, “os seres humanos têm experiência de si próprios e dos outros como *corpos que vivem*, não vontades desencarnadas”. E esta experiência não é compreensível no ponto de vista do individualismo dualista, que não é capaz de chegar às realidades últimas da corporalidade nem de “reconhecer as dívidas não escolhidas que se acumulam ao longo da vida de todos os seres humanos”. Estas dívidas nascem da dependência intrínseca ao ser humano, que provoca sempre uma doação e um cuidado da parte de outros.

Uma pessoa concreta é todo o seu arco de vida, na sua potência e na sua impotência. Não é um adulto autónomo que dirige a sua vida sem consequências para si mesmo nem para outros. Mas, além disso, o que ajuda de forma mais direta o seu desenvolvimento é a relação com outros. O nosso conhecimento não parte de zero, mas do que alguém descobriu e elaborou antes de nós. O nosso desenvolvimento desde a infância foi guiado por pais, irmãos, professores, amigos. Não nos poderíamos expressar se a linguagem fosse somente nossa, não teríamos história sem histórias narradas previamente. Conhecemo-nos em diálogo, defende Taylor.

Snead cita também o filósofo britânico [Roger Scruton](#): “Para nós humanos, que entramos num mundo marcado pelas alegrias e pelos sofrimentos dos que nos fazem um lugar, que desfrutamos de proteção nos primeiros anos e de oportunidades na maturidade, o campo da obrigação é maior do que o campo da escolha”.

As relações interpessoais, no quadro do individualismo expressivo, passam a ser “meramente instrumentais e transacionais”: conseqüentemente, as desigualdades aumentam e

desintegra-se a rede de apoio para os mais fracos e vulneráveis. E como desaparecem os intermediários e cada indivíduo considera legítima a sua verdade, os conflitos acabam por se agravar.

Em “Leaving home in Nagorno-Karabakh”, uma das nomeadas para fotografia do ano no concurso World Press Photo, aparece um casal. Ele, sentado, cobre a cara com as mãos no gesto universal de desespero; ela, de pé, com olhar angustiado, sustenta o seu bebé nos braços, adormecido. Estão em vias de abandonar a sua casa em Lachin, a última localidade a submeter-se ao Azerbaijão. Neles não existe uma vontade autónoma que decide o seu futuro a seu bel-prazer: aqui há um emaranhado de laços sanguíneos, uma história partilhada, um lugar habitado, um passado de convívio e um futuro que não depende unicamente de si mesmo. Vidas encarnadas e competidas (no sentido mais físico do termo), interdependentes, fortes e frágeis simultaneamente.

## Um caminho sem saída

O que perdemos com o esquecimento da corporalidade e da dependência e fragilidade que implica? Entramos num itinerário onde acabam por existir seres humanos pré-pessoa (o não nascido) ou pós-pessoa (o que já não possui conhecimento ou vontade). Certamente, Snead não nega a verdade da autonomia humana, nem o valor das capacidades intelectuais e da liberdade. Mas refere a sua insuficiência: somente através delas não se chega a um desenvolvimento completo da pessoa; e só com elas tornam-se opacas outras realidades humanas, e acabamos por não reconhecer o outro na vulnerabilidade ou na dependência.

No exame do quadro jurídico norte-americano sobre problemas bioéticos, Snead descreve estas limitações. No caso do aborto, é concebido como um conflito entre estranhos, um dos quais nem sequer seria pessoa. Na reprodução assistida, deixa-se de lado “um vasto número de pessoas vulneráveis afetadas por estes procedimentos, incluindo entre elas doadores de gâmetas (especialmente mulheres), mães de gestação, pais e mães biológicos, e os filhos concebidos”. No final da vida, as decisões que afetam doentes sem possibilidades de decidir são configuradas tendo em mente uma compreensão do doente “como uma vontade autónoma atomizada enquanto premissa que o anima, quando a realidade encarnada desse doente é precisamente a oposta”.

A crítica de Snead é que, nestes casos, se chega a um beco sem saída, onde não se dá uma resposta verdadeiramente humana aos que sofrem essas situações. Para o dilema de uma gravidez não desejada, a lei limita-se a oferecer o acabar com o corpo estranho. Diante da angústia da infertilidade, a liberdade de criar e selecionar um bebé a qualquer preço. Quando se trata de manter com vida uma pessoa deficiente, o

desejo de que a deixem sozinha e outro decida. Perante uma doença terminal, o direito a auto-eliminar-se.

talvez para se tocar, para viver na presença real e reconhecida do outro.

## Recordar a nossa humanidade encarnada

A. C.

Nascemos indefesos, aprendemos a comportar-nos de forma humana com outros, definimo-nos a partir das nossas interações, e recordá-lo ajuda-nos, propõe Snead.

A primeira atitude relacionada com memorizar a nossa dependência é a gratidão com os cuidados que recebemos nos momentos de maior vulnerabilidade, quando não havia nenhuma certeza de que poderíamos devolver o favor. Permite-nos aperceber de que “uma resposta adequada para estes cuidados é converter-nos no tipo de pessoa que assume o bem dos outros, que se preocupa com eles sem condições nem cálculos”, nas palavras do professor de Notre Dame. O olhar já não se centra no interior, mas é dirigido para os outros. “Esta visão para fora aumenta, reforça-se e agudiza-se através da memória e da imaginação moral”, resume.

As restantes atitudes que gera o reconhecimento da dependência e a gratidão são a generosidade justa, a hospitalidade, a misericórdia, a humildade, a abertura ao inesperado, a solidariedade e o sentido da dignidade humana. Para isso, existe um requerimento prévio: a virtude da veracidade. Esta bagagem, segundo O. Carter Snead, permite ir desenvolvendo “redes robustas e expansivas de doação sem cálculo e receção agradecida, com pessoas que convertem o bem dos outros no seu próprio bem, sem pedir nem esperar recompensa”. Nestas redes, são reconhecidos todos os membros que pertencem à espécie humana, sem levar em conta “idade, invalidez, capacidade cognitiva, dependência e, sobretudo, sem que afete a opinião de outros”.

A conclusão de Snead é que a amizade e o amor de doar são os bens que mais nos humanizam: “É possível ver um bem transversal debaixo do qual todos estes bens e práticas necessárias para o florescimento do indivíduo e as vidas partilhadas de seres corporais se podem situar. É o bem da amizade genuína”. E defende que o modelo de todas estas atitudes citadas, o que encarna – aplicando-se na perfeição – a viragem do olhar interior para o reconhecimento do outro, é a paternidade/maternidade.

Outra [série de fotografias](#) nomeada para o World Press Photo, “Cross-border love”, tem lugar em diversos pontos da fronteira entre a Suíça e a Alemanha, cortada durante a pandemia. Não são passagens fronteiriças, com controlo policial. Trata-se da rua de uma localidade, um prado, um caminho rural, separados por uma simples fita da polícia. Lado a lado da fita encontram-se os noivos, os amigos, os parentes. Novamente a identidade se manifesta na presença corporal e o seu desenvolvimento depende da relação com os outros: ficar para se ver, se ouvir,